



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

**COMISSÃO EXTRAORDINÁRIA DE MEIO AMBIENTE E DOS DIREITOS
DOS ANIMAIS**

PRESIDENTE: XEXÉU TRIPOLI

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA.

LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo

DATA: 26/08/2021

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Bom dia a todos. Estão abertos os trabalhos da 5ª audiência pública virtual da Comissão Extraordinária de Meio Ambiente e dos Direitos dos Animais para a discussão sobre o PL 454/21 que dispõe sobre a criação do Parque do Pôr do Sol.

Informo que esta audiência está sendo transmitida pelo Portal da Câmara Municipal de São Paulo, no endereço www.saopaulo.sp.leg.br no link auditórios *on-line* e pelo canal do YouTube da Câmara Municipal de São Paulo.

Primeiro, eu gostaria de falar sobre a dinâmica dos trabalhos, depois vou passar a palavra porque é mais importante aqui escutar do que falar. Vou fazer uma apresentação por cinco minutos, depois a nobre Vereadora Luana vai falar cinco minutos. Peço a todos que sejam breves, se possível, para que mais pessoas tenham a oportunidade de falar, já que temos 38 inscritos para falar.

Quem não tiver a oportunidade de falar, gostaríamos que mandasse as suas opiniões, perguntas ou respostas pelo *chat*, pelo *e-mail* meioambiente@saopaulo.sp.leg.br para que possamos responder.

Vou falar rapidamente sobre o que me levou a propor este projeto. Eu quero deixar claro que a rede social porque ela acaba sendo um veículo de informação e de desinformação também, pois a gente acaba lendo muitas coisas sem sentido vindas de pessoas que não conhecem. Então, eu vou contar um pouquinho do meu histórico com relação à praça e o motivo que me fez levar a protocolar o projeto na Casa.

Eu nasci e cresci na Pompeia e moro na Vila Madalena já há muitos anos. Frequento a praça do Pôr do Sol desde a época da turminha do Pôr do Sol, que era formada pelo pessoal que morava na região, eram poucas pessoas. A praça foi concebida em 1983, salvo engano, mas eu estava todos os dias por lá e frequento até hoje. Estive na praça ontem, inclusive. O meu time tem ido à praça para conversar com as pessoas e entender como é o funcionamento.

Eu quero deixar claro que o lugar para que a gente possa conversar sobre isso é

aqui. A rede social ajuda muito, mas não é onde se discute a relação urbanística da Cidade ou qualquer outra situação. E não existe imposição de ninguém, nem de perto, nem de longe, para que eu pudesse protocolar este projeto; eu fui procurado por pessoas que frequentam a praça, que hoje é frequentada por todos os cidadãos da Cidade. Foi uma ideia que tive para discutir essa situação, porque a praça do Pôr do Sol não é uma praça comum, já que se tornou um lugar de grande volume de circulação de pessoas.

Por último, não vou pautar este projeto em segunda enquanto eu não tiver a certeza de que a Prefeitura de São Paulo poderá destinar recursos para que a gente faça uma praça para toda a população de São Paulo, independentemente de detalhes urbanísticos ou de projeto arquitetônico, não vamos pautar para que aconteça o que aconteceu na última tentativa de transformarmos a praça em parque, que foi somente no papel, mas não foi feita nenhuma benfeitoria para que pudesse se tornar um parque, na época, quando houve a revogação do decreto do Prefeito Haddad.

Portanto, hoje estamos aqui para iniciar uma conversa, com muita tranquilidade, com muita paz no coração, porque a praça é de todos, não é desse ou daquele. Precisamos discutir para que o Executivo venha a uma decisão final.

Sabemos que não conseguiremos contemplar todas as pessoas porque uma tem opinião diferente da outra sobre o local, mas respeitamos a democracia, o diálogo, e é isso que faremos aqui. Por ser um projeto administrativo, não é necessária audiência pública, mas estou propondo justamente para discutir com toda a população, com as autoridades, com as pessoas que frequentam a praça, para chegarmos a uma solução para esse problema.

Peço novamente que todos sejam breve ao falar, para que todos possam falar do projeto. Sabemos tudo o que aconteceu no passado até o dia de hoje, de bom, de ruim, mas acho que agora temos que partir para outra conversa: vamos fazer a praça do Pôr do Sol se tornar um parque, criando uma solução que seja a melhor possível para toda a população, que tem curtido a praça nesses dias de sol.

Vou passar a palavra à nobre Vereadora Luana Alves.

A SRA. LUANA ALVES – *Eu vi agora a sua ligação. Eu não pude retornar. Peço Desculpas. Eu estava numa outra reunião.*

E me escutam bem?

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Sim, escutamos sim.

A SRA. LUANA ALVES – Perfeito.

Quero agradecer esse espaço. Acho que é excelente termos uma audiência pública para debater esse tema.

Eu acho que os espaços de participação popular, comunitária, são fundamentais e imprescindíveis para conseguirmos tomar decisões relativas aos espaços públicos.

Eu estou vendo aqui a presença de moradores da região, do Subprefeito de Pinheiros. Enfim, a presença de uma série de atores envolvidos nessa questão.

Eu quero falar muito rapidamente, porque eu acho que é o momento de escutarmos.

Quero colocar que qualquer tipo de decisão relativa a um espaço público como esse, em especial, transformar uma praça num parque, que vai implicar algumas mudanças. Claro, possíveis benesses para aquele local, como instalação de banheiro público, mas também alguns elementos que no meu entendimento – e eu acho que é o entendimento comum de diversas pessoas aqui – podem levar a algum tipo de restrição no acesso. E eu acho que é importante falarmos sobre isso. Sabemos que mudanças na classificação de espaço público – praça, parque, rua – necessariamente levam a mudanças no acesso a esses espaços. E é fundamental falarmos não apenas das possibilidades que podem vir com esse projeto, mas o que hoje tem acontecido, em termos de diálogo, com o Executivo.

Por exemplo, a instalação das cercas. Nós sabemos que é uma decisão que o Executivo pode tomar – sabemos disso –, mas é fundamental que aqui na Câmara Municipal nós discutamos sobre isso, nós falemos sobre isso, e a população tenha voz sobre isso.

Eu já me posiciono nesse sentido. Falei ontem com o Vereador Xexéu Tripoli sobre isso: a minha posição é que as cercas são ruins, no geral; que não cumprem a função que

muitas vezes se espera que elas cumpram – segurança, algum tipo de ordenamento público. Sabemos que um lugar que é muito cheio, um lugar que tem acesso de centenas de pessoas, como uma praça grande, precisa de algum tipo de ordenamento público. E sabemos que isso é necessário. Mas eu não acho que cerca resolve isso. Eu não acho que cerca ajuda no ordenamento público ou na organização da utilização do espaço.

Eu acho que esse é o momento em que podemos pensar mecanismos, soluções, formas de pensar a utilização da praça para uma utilização coletiva boa para todos, que não fique só para um grupo de pessoas. E sabemos que é um assunto muito delicado. Mas pensarmos mecanismos para o bom uso da praça, em que o maior acesso é o melhor possível. E eu acho que é isso que nós temos que fazer nesta audiência.

Eu quero muito escutar o Executivo. Eu não sei se há mais alguma secretaria – eu não estou conseguindo enxergar –, por meio da Subprefeitura de Pinheiros, porque eu acho que é necessário talvez cumprir também alguns pactos aqui em relação ao que queremos da cerca, do horário, da segurança pública naquele local. Eu acho que é necessário falarmos sobre isso, nobre Vereador Xexéu, porque isso inclusive precede a discussão sobre a denominação de praça ou de parque. Falar sobre hoje o que acontece naquele espaço; e o que conseguimos fazer para garantir, em termos de acordos coletivos nossos, o melhor uso possível, com o melhor acesso possível, havendo também um uso da praça que respeite os horários das pessoas. Enfim, um espaço público que atinja todos; mas que essas soluções não sejam de forma alguma uma solução que vá restringir o acesso, uma solução que vá excluir pessoas da praça. Então eu acho que é importante discutirmos isso no dia de hoje. E é isso.

Falei menos de cinco minutos porque eu quero escutar, em especial, as pessoas que utilizam o espaço.

Sou moradora do Butantã. Conheço a praça, apesar de não morar exatamente na região – moro na Zona Oeste –, mas posso dizer que entendo um pouco os tensionamentos colocados.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Muito obrigado, Vereadora Luana, que

compõe a Comissão de Meio Ambiente junto comigo. Nós temos afinidade, porque a nossa comissão sempre vem com assuntos importantes para a cidade. E nós temos uma mistura, na própria comissão, de partidos, de pessoas que têm opiniões diferentes, mas sempre conseguimos dar um andamento de diálogo para todos os temas.

Quero registrar a presença do nosso também querido colega Danilo do Posto, nosso Vereador da Comissão de Meio Ambiente, que está aqui nos acompanhando.

Gostaria de passar aos convidados.

Como fizemos a lista durante a confirmação de cada um, então eu queria passar a palavra ao representante da Secretaria do Verde e Meio Ambiente, o nosso querido Rodrigo Ravena, que também é outra pessoa que nos atende prontamente sempre quando temos alguma questão. Tenho falado bastante com ele por esse problema que temos, e sobre como podemos ajudar a solucionar.

Rodrigo, muito obrigado pela sua presença. Como sempre, disposto a nos orientar e a nos esclarecer.

A SRA. LUANA ALVES – Vereador Xexéu.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Pois não, Vereadora.

A SRA. LUANA ALVES – Antes da fala do Ravena, eu gostaria somente de lembrar à Secretaria que uma das nossas convidadas, a Profa. Raquel Rolnik, está com o horário apertado. Então, se possível, nós a colocarmos na frente, para que ela consiga ter espaço de fala. Eu gostaria de fazer essa solicitação para a professora da FAUUSP.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Perfeito. Sem problema nenhum.

Então eu vou inverter a pauta.

E já peço aos convidados que possam nos autorizar a fazer isso. E já autorizando, sem eu ter a resposta, para que ela possa sair um pouquinho mais cedo, porque realmente temos muitos compromissos.

Então vamos à palavra da Sra. Raquel Ronik, a quem agradeço pela presença.

A SRA. RAQUEL ROLNIK – Bom dia a todos.

Muito obrigada. E obrigada pela generosidade de todos de me permitir furar essa fila. E, mais do que tudo, muito obrigada pela possibilidade de fazer esse debate público e de me colocar numa posição muito contra qualquer tipo de tratorada, ou seja, de estabelecer projetos de lei, aprovar projetos de lei, sem ampla discussão com todos os envolvidos e as envolvidas.

Eu falo como urbanista, como professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, e Coordenadora do LabCidade, mas falo também como moradora da região e usuária dessa praça e desse local há mais de 35 anos. Então eu também quero posicionar o meu lugar de fala.

E a primeira coisa que eu quero dizer a todos é que evidentemente estamos diante de um conflito, óbvio, que já se arrasta há vários anos. Conflito em que as partes envolvidas no conflito são absolutamente legítimas e seus pleitos absolutamente legítimos. Então é absolutamente legítimo o desejo dos moradores do bairro ou de fora do bairro de poder usufruir de uma das praça mais lindas da cidade; assim como é legítimo o desejo dos moradores próximos à praça de poder dormir sem barulho durante as noites, as madrugadas, de não ter que enfrentar uma situação muito complexa do ponto de vista de lixo, do ponto de vista de incômodo. Então estamos falando, e é esse que tem que ser o pressuposto, de duas vontades que são absolutamente legítimas.

Diante de um conflito, o pior caminho é estabelecer um muro, uma cerca, em que vamos claramente delimitar quem pode, quem não pode, que hora pode, que hora não pode. E mais do que isso: o estabelecimento dessa cerca não vai resolver o conflito. E podemos falar mais sobre isso.

Quero ser muito rápida. Mas eu só quero defender, do ponto de vista do urbanismo e do paisagismo, que transformar essa praça em parque não é absolutamente uma solução. Primeiro, porque não é um parque. Parque é alguma coisa que tem equipamentos de longa permanência, alguma coisa que tem uma característica muito diferente da característica de praça. Então esse lugar precisa continuar sendo praça, um bem de uso comum do povo. É

assim que ela foi feita, é assim que ela foi projetada. Ela não é um parque, ela é uma praça de contemplação do pôr-do-sol. É essa a característica dela. E nesse sentido não há nenhum sentido se impossibilitar o acesso a ela. Mas, por outro lado, a questão da gestão é superimportante. E ela precisa ter uma gestão especial.

Então é muito legal que esteja aqui o Subprefeito de Pinheiros, o Secretário do Verde, os representantes da Prefeitura, para ouvirmos sobre essas propostas de gestão. Porque, é claro, precisa haver outro tipo de gestão, outro tipo de coleta de lixo, outro tipo de acompanhamento do uso da praça. Ela é especial. E não é transformando em parque que nós viabilizamos isso. A questão não é essa, como já foi colocado aqui; a questão é ter recursos, é ter pessoal. E nós precisamos ter recursos ou pessoal, formas e estratégias de gestão para cuidar dessa praça, nesses termos, sendo parque ou sendo praça. Eu acho que é esse o nosso grande tema. E apresentar um PL foi uma oportunidade de retomarmos essa discussão. E agradeço muito por essa oportunidade.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Raquel, muito obrigado pela sua presença e pela sua colaboração com o tema.

Vamos seguir em frente.

Peço que o Rodrigo Ravena, da Secretaria do Verde e Meio Ambiente, possa fazer uso da palavra.

O SR. RODRIGO RAVENA – Vereador Xexéu, obrigado pela oportunidade. Bom dia a todos e todas.

Tenho muito pouco a acrescentar, o Vereador já fez um belo início. A simples transformação de uma coisa em outra não resolve problema algum. Temos um debate enorme para ser feito. Do ponto de vista da Secretaria, o primeiro passo e a primeira condicionante e que o Vereador já especificou é que precisamos ter a garantia de que, se transformado em parque ou permanecendo praça, tenhamos dinheiro para cuidar, manter a segurança e transformar o espaço urbano em algo útil para todos.

Os conflitos inerentes à existência da praça que a Professora Raquel já bem

salientou também têm que ser compatibilizados. A oportunidade de estarmos numa audiência pública para fazermos esse debate é importantíssimo.

Vou dizer que é do DNA da Secretaria fazer o debate público e o é do meu porque eu sou filho da Câmara Municipal de São Paulo. Eu estive na Câmara por 39 anos. Então, o debate é comigo mesmo. Adoro debater, ouvir e incorporar nos projetos de políticas públicas o que a população entende, porque - eu vou destacar isso e elogiar o Vereador por essa construção – a construção dessa política se feita desta forma a várias mãos, leva a um resultado positivo. É óbvio que não conseguimos agradar todo mundo o tempo inteiro, mas podemos chegar um consenso, a um ponto de equilíbrio em que haja a satisfação de todo mundo.

Mas vou ressaltar: do ponto de vista da Secretaria, a questão principal é recurso. Pedimos e insistimos – e o próprio Vereador Xexéu destacou – que qualquer votação não se faça sem a garantia de que possamos implementar seja o fim que for dado para a praça ou parque, ou se for um outro equipamento público que nasça desse debate, porque a cidade é mutante, cresce e se transforma, que tenhamos recursos para cuidar disso e garantir o sono de quem lá mora e a fruição do espaço público que é da cidade inteira.

Era isso, Vereador.

Estamos à disposição para contribuirmos com o que a Secretaria puder, para chegarmos a um bom termo nesse debate.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Trípoli) – Obrigado, Secretário, pela presença e colaboração.

Chamo o Caio Vinícius Luiz, da Secretaria das Subprefeituras, representando o Secretário Alexandre Modonezi.

O SR. CAIO VINÍCIUS LUIZ – Bom dia aos nobres Vereadores, Vereadoras, convidados, participantes.

A decisão de promover o isolamento da praça se deu no primeiro semestre de 2020, em atendimentos às ações de combate à Covid, ações que se estenderam, inclusive,

para outros setores.

A audiência proposta pelo Vereador Xexéu é muito positiva e muito produtiva, visto que a situação pandêmica, apesar de persistir, a discussão e planejamento de alguns temas já é uma realidade.

A Subprefeitura de Pinheiros, representada pelo Richard, que inclusive está nesta reunião, teve essa reunião de governo para isolamento da praça quanto ao serviço de implantação dos alambrados, cuja conclusão se deu em março deste ano. Acho que, eventualmente, ele pode falar um pouco mais sobre isso.

É de interesse da nossa Secretaria que o diálogo seja o caminho para essa discussão. Fica o elogio e a disposição da Secretaria das Subprefeituras em participar dessa discussão sempre que for chamada.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Trípoli) – Muito obrigado, Caio.

Vamos tentar voltar com os nossos convidados ao final para que possam ser respondidas algumas questões que venham a ter pelos inscritos. Se não conseguirmos responder a todos, responderemos pelo e-mail ou por algum contato para que possamos fazê-lo.

Chamo o Sr. Richard Haddad Junior, Subprefeito de Pinheiros.

O SR. RICHARD HADDAD JUNIOR – Bom dia a todos. Muito obrigado pelo convite. Vou procurar ser bem breve nessa fala inicial. Eu sou favorável à transformação em parque pelo seguinte: a Praça do Pôr do Sol tem uma área de parque, tem uma frequência principalmente de parque, seria uma forma – lógico, ressaltando o que o Vereador Xexéu Trípoli falou “havendo recurso suficiente para isso” que é preponderante para essa questão, melhoraria toda estrutura, a segurança, poderia ter a implantação de outra utilização da praça para práticas esportivas e não impossibilitaria a natureza da praça, porque, realmente, como foi dito aqui “a praça foi feita para apreciar o pôr do sol” – isso vai continuar da mesma forma. Então, a utilização de espaço para contemplar o pôr do sol não atrapalha em nada. Pelo contrário, só vai melhorar toda estrutura para os frequentadores do local, os moradores do

entorno e todos os Municípios de São Paulo.

Então, sendo bem breve, sou particularmente favorável.

Lógico, eu entendo os argumentos em contrário. Estamos aqui para debater. Isso é muito importante. Mas o meu ponto de vista é esse.

Estou aberto às perguntas e para falar sobre a atuação da Subprefeitura de Pinheiros. O que for perguntado estamos aqui para responder.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (XEXÉU TRÍPOLI) – Muito obrigado, Sr. Richard. Vamos escutar agora o Sr. José Roberto Bonduki, do Coletivo Vila Ida, Beatriz e Jataí.

O SR. JOSÉ ROBERTO BONDUKI – Olá, bom dia a todos.

Não sei se vale à pena. Eu ia fazer um breve resumo do que foi a gestão da praça na época do Haddad e das benfeitorias que foram ali procedidas.

Acho que o aspecto mais importante é o da participação e da possibilidade de ter um Conselho, porque a gente discutia, conversava, trocava ideias, enfim. Nessa condição, as melhorias que foram feitas trouxeram muitos benefícios. Até o momento em que ela foi fechada, supostamente por causa da pandemia, não havia mais aqueles transtornos todos de barulho e de música, porque havia uma fiscalização permanente. Acho que essa é a questão principal.

Primeiro, obviamente, sou absolutamente contra o fechamento ou qualquer obstrução àquele espaço. É um absurdo. E a praça tem esse conceito de ser um local de passagem, como se fosse uma extensão da calçada. Não se pode impedir que a pessoa atravessasse de um lado para o outro, independentemente do horário.

Então, o que eu tenho para colocar é que acho um absurdo esse fechamento, não faz nenhum sentido estabelecer um horário, posso querer ver a lua, estar lá numa noite de verão, o que eu vou estar impedido disso, por causa de meia dúzia de moradores? Tem muita coisa que precisa ser esclarecida de uma forma muito franca e verdadeira.

Enfim, o que eu sugiro é que ela se mantenha aberta e que se façam, sim,

adequações e instalações, no equipamento mínimo para que as pessoas possam se sentir confortáveis e, por uma necessidade de utilizarem o sanitário, isso pode ser feito. Ela pode ter os seus acessos delimitados.

Eu sou arquiteto, mas tem muita gente que também é e com muito mais experiência do que eu. A gente pode estabelecer acessos com cercas vivas, não há necessidade de muro, grade, coisa nenhuma. Têm mil soluções para serem propostas e discutidas, basta ouvir a comunidade e quem tem interesse e conhecimento para isso.

Não vou tomar muito o tempo. Eu queria falar um pouco sobre como foi a gestão. Acho que foi um resumo breve. A gestão é importante. É importante ter um conselho gestor, que funcionou por dois anos muito bem. Foram feitas melhorias que trouxeram resultados, principalmente, no aspecto de barulho, de frequência, as pessoas passaram a ter mais cuidado com as coisas, mas ainda falta muita coisa para ser feita.

Em relação ao cercamento, eu insisto em dizer que não há o mínimo sentido em cercar uma praça como aquela e de limitar o uso por questões de horário, por questão de moradores que se sintam incomodados. Acho que essa condição de ter uma vigilância, de ter uma administração no local, alguém que possa ficar ali permanentemente, como acontece em outros lugares, é bem viável, cabe à vontade de vocês.

Era isso que eu queria falar.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Muito obrigado, Sr. José Roberto, agradeço a presença e a colaboração.

Passo a palavra para a Sra. Maria Inês Barreto, da Sociedade Amigos do Alto de Pinheiro. Bom dia, muito obrigado pela presença.

A SRA. MARIA INÊS BARRETO – Bom dia a todos. Eu sou arquiteta, moradora do bairro há mais de 30 anos, já morei em algumas situações iguais, não sempre no mesmo lugar.

Sou favorável ao fechamento da praça, quer dizer, na verdade que se torne um parque porque um parque traz junto com ele várias outras coisas, como: administração, poder

fazer um banheiro, ter horário de funcionamento, eu sou favorável a ter horário de funcionamento.

Eu já morei perto do Instituto Tomie Ohtake, vou dar esse exemplo. Eu morava numa casa que era do lado de cá da Avenida Pedroso de Moraes. E lá tem um *apart* e na sua cobertura tem um local para eventos, com um grande terraço. Eles fizeram ali muitas baladas que incomodavam muito a todas as pessoas do entorno que queriam dormir. Era uma coisa complicada. O que aconteceu? Fomos lá, mandamos uma carta, quem administrava o espaço teve muita abertura. Eles foram em nossas casas medir os decibéis, fecharam, estabeleceram um horário até às 10 horas da noite, ninguém ficava indo lá fora e não tinha mais música. Como você vai controlar tudo isso num espaço público que é uma praça? A subprefeitura não tem pessoas para controlar. Temos que chamar a polícia quando a coisa sai do controle. São mais de mil pessoas, não se trata de uma pessoa ir olhar a Lua ou um grupinho de pessoas.

Eu já fui ali muitas vezes, sou frequentadora da praça. Eu conheço espaços turísticos e ali se tornou um espaço turístico. Eu já ouvi anunciando em avião, em aeroporto como atração turística em São Paulo a Praça do Pôr do Sol. Conheço em Londres aquela praça que chama Primrose Hill, que tem gradeamento, tem portão, gente. Todo mundo entra lá, todo mundo vai ver. Pode ser que numa noite de *réveillon*, que a pessoa queira ver fogos, pode abrir, mas é combinando, é o combinado: hoje vai abrir. Mas todo dia, toda hora, a qualquer momento ter gente, chamam na internet um grupo, e fica completamente fora do controle. Desculpe, eu acho que isso tem de ser diferente. Acho que sim, tem de ter regras, respeitar regras é importante para todo mundo. Tudo livre, sem cerca, lindo, maravilhoso, quem vai investir? E até para abrir a praça agora com esse cercamento, e eu concordo com vocês, é horrível, sou arquiteta, acho que tem de ter um projeto, e não isso aí que é uma coisa muito malfeita, não respeita nem a circulação que já têm, as aberturas que já têm. Acho que foi muito malfeito mesmo. Não pode, tem que ser uma coisa direita, tem que ser bem-feito, tem que ter projeto, tem que ter discussão e fazer uma coisa com regras, regras, atender a regras por causa da incomodidade.

Acho que a nossa Lei de Zoneamento é muito falha, é muito falha porque nela está que não pode tantos decibéis, às 10 horas da noite. E quem fiscaliza isso? O bar tem o PSIU, a residência não tem. Se uma pessoa aluga uma casa para fazer festas direto, não tem como você se defender. E no espaço público então, é mais aberto ainda. Ou seja, acho que as pessoas precisam acostumar que a sua liberdade acaba quando começa a do outro, e não é bem assim que as coisas funcionam em sociedade.

Só isso que eu tinha para dizer.

Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Muito obrigado, agradeço a colaboração.

Agora passamos a palavra para Ivan Carlos Maglio.

O SR. IVAN CARLOS MAGLIO – Bom dia a todos e todas. Eu queria reiterar parte do que a Professora Raquel colocou e aduzir algumas questões. Eu sou pesquisador do IEA-USP, Cidades Globais e doutor em Saúde Ambiental. Eu frequento a praça, sou morador de Pinheiros, participo do movimento Pôr do Sol Sem Cerca e do Fórum de Áreas Verdes.

Acho que as questões envolvidas nesse debate são: gestão, recursos, soluções urbanísticas e formas de uso ou manejo. Do ponto de vista de gestão, é óbvio que temos um grande movimento que poderia ser aproveitado para criar um conselho Amigos da Praça, retomar essa parceria público-privada qualquer que fosse a solução. Segundo, não é um parque do ponto de vista de unidade de conservação, obviamente. Não faz parte de nenhuma das possibilidades, é uma praça, só que não é uma praça comum, é uma praça que foi se tornando um ícone, uma qualidade que extrapola o bairro. Então, ela precisa de uma atenção muito maior do poder público do que a que vem sendo dada. E também não pode decidir o que vai fazer com ela fazendo um fechamento arbitrário, sem nenhuma discussão, como foi feito. Então esse é o pior problema, é a maneira como foi feito o fechamento para atender o pedido de um lado, que reclama do barulho, da confusão, e deixando todo outro lado, que defende o ambiente, a paisagem, a fruição da paisagem, completamente prejudicado. Então, é uma questão de gestão.

Do ponto de vista de recursos, ser parque não resolve absolutamente nada, no momento, para a cidade de São Paulo. Temos 167 parques previstos pelo Plano Diretor, boa parte deles sem recursos para a sua manutenção. O recurso da Secretaria do Meio Ambiente não chega a 0,35% do Orçamento, não é nem 1%. Então, não há qualquer recurso, é preciso criar um fundo, um fundo que tenha participação de interessados, de doadores, de pessoas que amem esse lugar como a gente ama.

A grande questão dela é o paisagismo, é a possibilidade de ver a paisagem, fruir a paisagem e isso tem que estar livre, tem que estar aberto. Como isso se garante? Tem que ter um projeto urbanístico no entorno que inclusive regulamente, ajude para ser construído, mas não foi pensado dessa forma. Era uma praça no interior de um bairro exclusivamente residencial, ela mudou e temos de adaptá-la. Esse projeto urbanístico precisa melhorar o dentro e o fora. O dentro é com equipamento, com qualidade para os usuários; e fora é talvez criar algumas coisas que aproveitem o potencial da praça que poderia, por exemplo, ser um Museu da Paisagem, aproveitando um daqueles casarões. Ou na parte mais baixa, que está ligada mais ao comércio, próximo à Diógenes, usar com a possibilidade de alguma forma atender os usuários. O que está faltando é um projeto urbanístico.

Então, um fundo é fundamental, e esse fundo não vai ser só público porque não vai resolver. Se entrar na questão dos parques, vai cair na vala comum dos 167 parques que estão disputando um modelo de Gestão.

Então, a discussão é essa, seja parque, seja praça – eu defendo que seja praça – precisa ter uma gestão e essa gestão tem que ser participativa, criando um grupo de amigos da praça. Também a criação de um fundo, e discutir em conjunto um projeto urbanístico sem decidir arbitrariamente algo desse tipo, como foi o fechamento que prejudica qualquer perspectiva de diálogo porque foi feito de uma forma arbitrária, ninguém foi ouvido. Assim não é possível.

Eu defendo que o espaço seja aberto e que tenha, dentro de um projeto urbanístico, que haja a recuperação entre a relação interno e externo, mas preserve o que é

fundamental. O que é o objeto de preservação ou proteção dessa praça? A paisagem, e é ela que nós estamos defendendo.

Obrigado, e estou à disposição para continuar a discussão.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Muito obrigado pela colaboração. Vamos chamar o Sr. Fábio Mariz Gonçalves.

O SR. FÁBIO MARIZ GONÇALVES – Bom dia a todos. Obrigado pela oportunidade de participar. Eu sou professor da Faculdade de Arquitetura, dou aula junto com a Raquel, mas sou parte do laboratório Quapá, o Quadro da Paisagem, que estuda os sistemas de espaços livres nas cidades brasileiras.

Eu acho que as questões aqui não estão bem colocadas. A discussão de transformar em parque ou em praça como sendo pré-condição para a criação de uma estratégia de gestão e regramento de uso é uma falsa questão.

Essa é uma questão paulistana, é só em São Paulo. Se vocês forem a Goiânia, é uma cidade de porte bastante grande em que nenhum parque é fechado. Em Porto Alegre agora saiu o primeiro parque fechado, os parques de Porto Alegre não são fechados. Então a ideia de que, se é parque, tem de fechar e, se é praça, fica aberto é um erro paulistano. É que aqui a Secretaria do Verde entendeu que, quando é parque, fecha-se, cria-se o conselho de gestão, há uma dotação orçamentária e funcionários para cuidar, então dá a impressão de que é só essa a saída.

Não é só essa a saída. Há de se reconhecer que temos praças na Cidade que requerem uma gestão específico. A Praça da Sé, a Praça da República, a Praça Roosevelt não são praças quaisquer, praças que têm uma agenda de vizinhança, então nós temos de ter uma estratégia de gestão para aquelas praças que tenham de fato uma demanda de uso, de gestão, de pactuação, de negociação, de manutenção específica. E entender que essas praças têm de ter dotação orçamentária e um tratamento diferenciado das praças que tem manutenção simples da subprefeitura, de varrição, troca de iluminação, uma vigilância ordinária, de passar de vez em quando um carro da polícia só para ver se está tudo em ordem. Não é uma praça

como as outras, então ela tem de ter um tratamento diferenciado. Essa é a questão, não preciso transformá-la em parque para isso.

Se não tivermos os meios legais, uma dificuldade do desenho jurídico de como a Secretaria do Verde trata os espaços, então chama-la de parque passar a ser uma estratégia que facilita ter verba, conselho gestor e funcionários para cuidar, então podemos até chama-la de parque. Mas eu entendo que isso não contribui com o avanço do arcabouço jurídico que faz a gestão das praças e dos parques de São Paulo.

Nós poderíamos ter parques abertos e poderíamos até, em alguns casos, ter praças fechadas. A discussão de se é praça ou parque não é uma discussão que deve ser vista com a rigidez de que parque é tudo fechado e praça é tudo aberto.

Houve uma colocação aqui, muito equivocada, de entender que, se nós não temos uma sociedade suficientemente organizada, então não podemos ter uma praça aberta; porque a nossa sociedade não faz a fiscalização direito, não consegue chamar a polícia quando tem que chamar, não respeita horário, então não podemos deixar a praça aberta. Essa ideia é um absoluto engano.

Você só constrói uma sociedade mais avançada se você assume que o conflito e a negociação intrínsecos aos espaços livres são o lugar para a construção desse pacto, para a educação dos agentes, para o respeito e a alteridade de cada uma das partes. Quando cada parte senta e negocia, nós aprendemos, construímos uma sociedade mais democrática e mais inclusiva. É um avanço conseguir deixar as praças abertas e construir a negociação adequada que permita acomodar os vários conflitos que há ali. O espaço público é um espaço de conflito e torna-lo fechado é fugir do conflito, mascarando e evitando que a sociedade avance.

Os espaços privados são espaços sem regras. É muito mais difícil para a polícia atuar, entrar numa festa num espaço privado do que no espaço público. Para entrar no espaço privado, a polícia tem que ter autorização, mandato. Se é um cara bacana - ih! -, é difícil entrar. No espaço público é onde a polícia atua. Então eu posso ter festas, posso ter problemas, posso ter inconvenientes em qualquer local público. Eu posso ter na paulista, posso

ter no Minhocão, na Faria Lima, em qualquer lugar, então o espaço público tem de ter regras, sim. Essa regra é o que constrói uma sociedade mais democrática.

Então o fechamento é uma falsa solução, é fugir do conflito. É absolutamente equivocado achar que com alambrado e fechamento se resolve o problema. Nós temos de lutar, sim, e eu sei que dá trabalho. Eu também já chamei polícia à noite, também há acionei o Psiu, também já tive um monte de problemas desse tipo e sei que não é fácil, que dá trabalho, mas nós temos de construir as condições institucionais para que a nossa sociedade use os espaços que são de todos de forma respeitosa e pactuada por todos.

É isso que nós estamos discutindo aqui. Chamar de praça ou parque tanto faz, o importante é que é um espaço público que tem todas as características de praça, não tem características de parque, tem de fazer parte dos caminhos cotidianos dos moradores. Aquele alambrado desastroso e vergonhoso que está lá é do tamanho da nossa incompetência para gerir o espaço.

Então vamos agora construir um diálogo mais maduro e respeitoso entre as partes, para que tenhamos as fiscalizações, a política, as regras pactuadas para que aquilo funcione. E vai ser muito mais fácil fazer isso sem alambrado do que com alambrado. E fazer isso é fazer a sociedade funcionar, pessoal. Dizer que não é possível é dizer que não é possível ter a Avenida Paulista, não é possível ter a Praça da República, não é possível ter a Praça da Sé e o Anhangabaú.

Espaços públicos têm de ser abertos e regrados, cada um deles tem de ter regras, condições de gestão e verba para isso. Esse é o papel do poder público, esse é o papel da sociedade. Era isso. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Muito obrigado pela presença e pela colaboração.

Agora passamos a escutar os inscritos. Peço gentilmente que seja direto, tente falar o mínimo possível, dentro do possível, para que escutemos o máximo de pessoas possível.

A palavra “possível” não para de sair da minha boca, mas é isso...

O SR. WALDIR AGNELLO - Vereador.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Quem fala?

O SR. WALDIR AGNELLO - Waldir Agnello, da Secretaria de Governo. Eu poderia ter a palavra, com sua anuência, por favor?

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Pois não.

A SRA. CRIS MONTEIRO – Vereador Xexéu, eu me inscrevo também, por gentileza.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Um momento.

Eu não tinha recebido a confirmação da presença, por isso eu não havia dado a palavra.

Agradeço a presença do representante do Vereador Toninho Vespoli, o Leonardo, e da Vereadora Cris Monteiro, que está colaborando conosco.

O SR. ALESSANDRO GUEDES – Por favor, registre minha presença, Vereador Xexéu.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Vereador Alessandro, outro componente da Comissão de Meio Ambiente, Alessandro Guedes, Vereador do PT de São Paulo, grande companheiro.

Vou esperar um pouco para ouvirmos o representante da Secretaria de Governo, em seguida a Vereadora Cris Monteiro, aí passamos para os inscritos.

Muito obrigado, Waldir, pela presença. Tem a palavra.

O SR. WALDIR AGNELLO – Muito obrigado pela gentileza, também aos demais que estão fazendo a gentileza de me ouvir. É uma fala muito breve, para marcar a presença do Secretário Rubens Rizek, que está em outra audiência e me pediu para representar a Secretaria de Governo, pelo interesse, pela importância do tema; parabenizar o Vereador pela iniciativa da propositura e também pela sua postura muito coerente de trazer o tema para ser discutido.

Também estou atento aos debates que estão sendo cada vez mais propositivos. O

Secretário Pinheiro Pedro, Secretário de Mudanças Climáticas da Prefeitura de São Paulo, também está interessado no tema e eu também o represento aqui.

Só quero registrar que nós estamos fazendo as anotações. Temos o Rodrigo Ravena, da Secretaria do Verde, que já falou antes de mim, vocês sabem o quanto ele é atuante, assim como o Richard Subprefeito de Pinheiros, estamos todos como representantes do Executivo, bastante interessados no resultado deste debate.

Falo em nome do Executivo, que nós faremos todo o possível para contemplar o desejo da população e do nosso Legislativo.

Fica este registro em nome do Secretário Rubens Rizek e do Secretário Executivo de Mudanças Climáticas Pinheiro Pedro.

Muito obrigado a todos. Continuamos na reunião com vocês.

Um abraço, Vereador Xexéu.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Muito obrigado Waldir. Um abraço a você também. Agradeço muito você ter entrado, porque é muito importante, independentemente se a praça for se tornar parque ou praça, ela precisará de novos cuidados. A Secretaria da Fazenda é o principal ator desse movimento, porque é dali que a gente pode trabalhar no orçamento para o ano que vem, para que tenha uma melhora de orçamento daquela praça ou parque, enfim, para que a gente possa resolver os problemas. Independentemente do projeto de lei, a gente vai precisar muito da Secretaria da Fazenda para colaborar. Muito obrigado pela sua presença.

Passo a palavra para a Vereadora Cris Monteiro. Bom dia, Cris.

A SRA. CRIS MONTEIRO – Bom dia, Vereador Xexéu. É um prazer está aqui com o senhor, com todos os demais que nos acompanha nesta audiência pública, serei breve.

Sou moradora da região. Venho acompanhando a polêmica sobre a praça e o parque há algum tempo. Escutando aqui, acho que foi o Sr. Fabio, talvez, falando sobre o espaço para todos. Sou totalmente favorável de que o espaço seja para todos.

Todos, inclui os ocupantes da praça, aqueles que frequentam e querem a praça

com seus familiares, crianças e animas, e também para os moradores do entorno da praça. Acho que isso tem de ser considerado.

A gente sabe das questões da algazarra, do barulho, concordo com a fala que isso mostra a incompetência da nossa sociedade. Significa que os ocupantes e os moradores do contorno precisam encontrar uma alternativa. Parece-me que a alternativa, pelo menos para mim até tendo viajado, conhecendo, por exemplo, a Praça Buenos Aires, em Higienópolis, se a praça puder ser utilizada entre seis da manhã e 11 da noite, totalmente livre para quem quiser entrar. Depois o que fazer se a praça continuar a ser usada com algazarra, música, uso de drogas, sujeira, barulho e os moradores do entorno não podem ter o seu descanso? Como que a gente resolve esse problema?

Mais do que a praça, mas no entorno da praça, a sociedade e a comunidade, tem de ser para todos, o que inclui os moradores ao redor. Mas do jeito que a praça está sendo gerenciada hoje – nem sei se está sendo gerenciada -, não inclui os moradores ao redor, o que é uma queixa que venho recebendo, que não conseguem dormir nem ter tranquilidade.

O que fazer? Deixar a praça aberta, sendo utilizada ao longo da madrugada, com banda, música, venda de drogas, com tudo? Isso não me parece razoável. Parece razoável a utilização da praça para quem quiser ir lá passear com o cachorro, namorar, passear, tomar sorvete, fumar um cigarro. Perfeito. Mas precisamos levar em consideração o espaço de todos e todas. Hoje, do jeito que está não contempla todos e todas.

Sou favorável ao cercamento, não ao alambrado, porque alambrado, de fato, é o total sentido da nossa incompetência, mas sou sim favorável a horários de utilização da praça, seja com gradeamento, uma grade bonita. A Secretaria de Meio Ambiente e a de Governo precisam resolver esse problema para ontem para todos, não somente para quem quer ocupar a praça com cachorrinho, com o seu familiar, também considerando os moradores ao redor.

O Sr. José Roberto está dizendo aqui que não, que os moradores do entorno não devem ser considerados. Eu insisto no meu ponto: sim, a praça tem de ser utilizada por todos.

O SR. JOSÉ ROBERTO BONDUKI - Isso é você que está falando. Eu não falei

isso. Eu só falei não de uma forma geral.

A SRA. CRIS MONTEIRO – Está bom. Desculpe, me perdoe. Eu li aqui o seu “não”, como se fosse. Perdoe, a minha interpretação foi equivocada. Aceite minhas desculpas.

O que estou dizendo é que todos temos de fazer uso das nossas liberdades. A liberdade de frequentar a praça, a liberdade de descanso e de tranquilidade dos moradores do entorno.

Esse é o meu ponto. Obrigada por me ouvirem. Um abraço a todos.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Obrigado, Vereadora Cris Monteiro.

Vamos prosseguir com os inscritos. Agora é 12h11min, temos 49 minutos para ouvir o máximo de inscritos possível. Os que não forem chamados, pedimos que façam seus questionamentos, que deem suas opiniões para que possamos responder.

Iniciaremos com o Sr. Giuliano Martinez, participante da SAAP. Não está presente.

Serei rápido, caso alguma pessoa que eu chamar entrar posteriormente nos avise pelo *chat* que eu darei a palavra, sem problema nenhum.

Vamos chamar a Sra. Márcia Kalvon Woods, participante da SAAP. (Pausa) A Sra. Isaura Maria Sampaio, participante do Fórum Verde Permanente.

A SRA. ISAURA MARIA SAMPAIO – Estou presente.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – A palavra é sua. Por favor, tente falar em um minuto, no máximo. Obrigado.

A SRA. ISAURA MARIA SAMPAIO – Obrigada pelo espaço para colocar a posição de um grupo que se formou quando se viu diante dos tapumes. A gente até entendeu que seria um bloqueamento por conta pandemia, mas eles tardiamente foram retirados, quando os demais praças e parques já tinham sido abertos. Para a nossa surpresa já tinham erguido o cercamento de muito baixa qualidade.

Nesse período que imaginamos ter de experiência de ver aquele espaço cercado, tenho vários pontos. Sou arquiteta, formada pela Universidade de São Paulo. A gente já teve ali uma contradição enorme, porque aquela praça nos dias de pôr-do-sol há confinamento e

proximidade das pessoas, porque antes do cercamento elas ficavam espalhadas, nas calçadas. O confinamento favorece, inclusive, a transmissão de Covid.

Como frequentadora de 50 anos no espaço, observei que os argumentos para dissolução de qualquer possibilidade de cercamento, ali são notórios. Se houvesse algum tipo de convulsão, ali haveria possibilidade de pisoteamento e problemas de saídas, porque a única entrada está diante de um parquinho de crianças, com ângulos de 45 graus.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Pelo encerramento, senhora. Desculpe. Estamos com dois minutos já, desculpe. Pelo encerramento, por favor.

A SRA. ISAURA MARIA SAMPAIO – Eu sou representante da Praça Pôr do Sol Sem Cerca, que seja removida imediatamente e faça-se cumprir a Lei 16.212/2015, que é a gestão participativa de praças no Município de São Paulo, lei promulgada 289, do Nabil Bonduki para gestão de praças.

Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Desculpe a indelicadeza. Acabo tendo de cortar a palavra das pessoas, porque temos muita gente. Peço que tentem falar um minuto cada um. A Sra. Silvia Zanotti Magalhães. Está presente?

A SRA. SILVIA ZANOTTI MAGALHÃES – Sim. Eu sou moradora do bairro, frequentadora da Praça, também participo da SAAP – Associação dos Moradores.

Quero dizer para o José Roberto que eu também participei do Conselho do Parque, como suplente. Não é verdade que os problemas noturnos do espaço foram resolvidos, após aquele breve momento de transformação falsa em parque, porque, como bem disse o Vereador na abertura da sessão, não havia qualquer orçamento previsto. Então, não aconteceu nada. Inclusive, o espaço não teve gestão nenhuma durante o período em que nós nos reunimos.

Já participei de diversos mutirões naquele espaço. Inclusive, no último mutirão, nós retiramos dez mil bitucas de um espaço de área verde, sendo que a bituca é um dos lixos mais contaminantes que existem. Então, é preciso pensar, mesmo, naquele espaço.

Eu sou a favor da transformação em parque, porque, no diálogo com a

Subprefeitura, nos últimos 10 anos, nós não encontramos modelos institucionais capazes de lidar com a grande quantidade de pessoas e resolver os conflitos que existem no espaço. A Subprefeitura de Pinheiros tem mais de 417 áreas verdes para cuidar. É o mesmo contrato que a Coordenadoria do Verde e do Meio Ambiente tem para todos esses espaços. Não existe possibilidade de se olhar o território a partir das necessidades específicas.

Eu acredito que a transformação em parque vai nos dar, primeiramente, o conselho participativo, onde vamos poder construir esse debate. Existe um conflito e esse conflito precisa ser mediado pelo estado. O conselho participativo do parque é o espaço para fazermos esse debate, onde as pessoas que querem descansar à noite podem colocar o seu lado, os usuários que querem uma extensão do horário de funcionamento podem colocar o seu lado e o estado, que é quem tem a força e a responsabilidade de zelar pelo espaço, pode decidir o que é possível a partir do seu trabalho e das suas possibilidades.

Então, é isso. Eu sou a favor, na esperança de que vamos ter bebedouros, banheiros, acessibilidade, respeito às entradas e saídas, coisas que não temos hoje em dia – e, se Deus quiser, reciclagem das bitucas.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Muito obrigado pela presença. Vamos chamar, agora, o Sr. Gustavo Lanhoso. Está presente?

O SR. GUSTAVO LANHOSO – Bom dia a todos. Eu sou Gustavo Lanhoso, morador do bairro há 25 anos, frequentador do bairro há 45. Moro próximo à Praça do Pôr do Sol e, no meu ponto de vista, o que falta é encarar o problema com realismo. A Praça do Pôr do Sol é completamente diferente de outras 50 praças do bairro. Tem necessidade específica e recebe até cinco mil pessoas. É um evento de grande porte aos fins de semana de sol, graças a Deus.

Então, não adianta tapar o sol com a peneira e querer enfrentar isso como se ela fosse uma praça comum e de outras naturezas. Ela precisa não só de um banheiro, mas de diversos banheiros. Um evento público ou privado dessa natureza exige uma quantidade imensa de infraestrutura para administrar, para que seja razoável. A Subprefeitura tem se

mostrado absolutamente incapaz e não é por demérito das pessoas. Ela não tem estrutura para isso. Isso é uma realidade. Se não quisermos enfrentar a realidade e fingirmos que essa praça é o que ela foi 20 anos atrás, com bucolismo e utopia, vamos jogar mais uma vez para debaixo do tapete o problema real que está ali instalado.

Sou completamente favorável à instalação, a transformar em parque. O cercamento não tira a visão, como muitas pessoas dizem, aqui. Você pode botar aberturas de entrada grandes, como há no Villa-Lobos, para evitar atropelamentos e confusões. Há milhões de estratégias. O que não podemos é politizar um problema que não é político e nem utopizar um problema real das pessoas que moram ali.

Há pessoas que foram lá neste fim de semana – e eu fui aos três que lá estão, com cercamento malfeito. Quem vem de longe gosta de uma praça limpa e organizada e não reclama do cercamento. Reclamam desse cercamento malfeito, mas eles sabem que não perderam a visão do pôr do sol. Isso é conversa fiada de gente que não quer encarar o problema e vive em uma utopia.

Nós não precisamos de utopia. Nós precisamos de seriedade e a praça merece respeito das pessoas que querem fingir que vão resolver um problema, simplesmente, com a conversa. Não é verdade. Eu sou favorável à conversa, mas sou favorável a, primeiramente, ter realismo e enfrentar o problema real, com a dimensão que ele tem. Muitos, aqui, não estão querendo enfrentar isso de uma forma honesta e transparente.

Muito obrigado a todos.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Muito obrigado. Vamos passar para o Sr. Miguel Lowndes Dale. Está presente? (Pausa) O Sr. Marcelo Campagnolo está presente?

O SR. MARCELO IVO CAMPAGNOLO – Presente. Está me ouvindo?

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Tem a palavra, por favor.

O SR. MARCELO IVO CAMPAGNOLO – Muito obrigado. Bom dia e boa tarde a todos. Sou morador do bairro. Na verdade, estou a cem ou 150 metros da praça. A praça, hoje, de fato, na minha visão, é um parque. Por quê? Porque, realmente, como alguns falaram, ela

recebe um montante de pessoas gigantesco, que você não vê em outros locais denominados como “praça”.

Eu acho que, obviamente, o melhor dos mundos seria outra solução que não um gradeamento. Porém, os parques de São Paulo têm grade. Não podemos falar em segregação e exclusão com um parque como o Ibirapuera ou como o Villa-Lobos, por exemplo. Ninguém reclama que há exclusão e segregação. Então, em minha opinião, um local onde há uso e tráfico de drogas, venda de bebida alcoólica – inclusive, para menores –, comércio irregular de ambulantes, pessoas urinando na frente das casas das outras e uma produção de lixo gigantesca não pode ser tratado como, por exemplo, a Praça Pan-Americana.

No meu modo de ver, sendo bem breve, eu acredito que devemos, obviamente, ter uma discussão mais aprofundada, mas, neste momento, a transformação em parque seria o ideal – lembrando que essa praça está inserida em uma zona estritamente residencial e nós, moradores, temos o direito legítimo de não sermos incomodados, principalmente, a partir das 22h.

Muito obrigado a todos.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Muito obrigado pela participação. Chamo, agora, o Sr. Paulo Rossetto. Está presente?

O SR. PAULO ROSSETTO – Boa tarde a todos. Meu nome é Paulo Rossetto e eu sou morador do bairro, também, já há muitos anos. Sou totalmente favorável ao cercamento da praça ou do parque – não me interessa a denominação; interessa-me o cercamento.

É engraçado que pessoas falam que cuidam da segurança. Existe a lei do Psiu na Vila Madalena e, quando dá 22h, tudo fecha. Todos aqueles que estão lá vêm para a Pôr do Sol curtir, incomodando todos os moradores, sem nenhum respeito pela civilidade das pessoas.

Outro detalhe de que os urbanistas estão falando é o pôr do sol, aquela vista maravilhosa. Vocês já viram, olhando no sentido da praça, no sentido da USP, o que foi construído, de prédios, do lado direito, que cortaram muito da vista do pôr do sol? Isso os

urbanistas não falam. Não foram lá ver.

Então, na verdade, o que eu acho é o seguinte: temos de respeitar as pessoas, aquelas que querem o seu lazer e aquelas que querem a sua tranquilidade, a sua noite de sono, porque todos merecem a sua noite de sono. Eu sou totalmente favorável ao cercamento e à transformação da praça em parque.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Muito obrigado. Chamamos o Sr. Juliano Martinez. Está presente? (Pausa) A Sra. Márcia Kalvon Woods está presente?

A SRA. MÁRCIA KALVON WOODS – Sim, eu estou presente. Vocês me ouvem?

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Tem a palavra, por favor. Tem um minuto.

A SRA. MÁRCIA KALVON WOODS – Olá, bom dia a todos. Eu me chamo Márcia Woods. Sou moradora do bairro, associada e voluntária da SAAP desde 2012. Nessa jornada, trabalhei muito em processos de revitalização das praças do bairro. Inclusive, comecei a me engajar de forma mais cívica e cidadã, aqui, pela praça próxima à minha casa, que é a Província de Saitama, em que tivemos bons resultados, nessa articulação entre moradores, empresas do bairro e a Prefeitura, pela Subprefeitura de Pinheiros.

Também fui voluntária em muitos processos, ali, na Praça do Pôr do Sol, desde 2012, conversando com os diversos órgãos: com seis ou sete Subprefeitos que passaram pela Subprefeitura de Pinheiros desde que começaram os problemas com a mudança de frequência da Praça do Pôr do Sol, com a polícia, com a Guarda Civil e com a Secretaria do Verde, enfim, buscando formas de dar infraestrutura e organização para a praça, dentro do que cabia.

O que eu vejo, aqui, é que há uma discussão técnica sobre as diferenças entre parque e praça e sobre como a Prefeitura se organiza para dar conta desse espaço. Então, o que eu vejo é que somos favoráveis à transformação em parque, porque, aí, você consegue ter: uma gestão dedicada por parte da Prefeitura, para de fato, dar conta do que o espaço se tornou.

Então é a adequação da gestão municipal para o que é o espaço hoje, um ponto turístico que recebe bastante pessoas e que precisa de uma infraestrutura adequada. E o

arcabouço legal que você tem hoje para praças não condiz com o que é aquilo que se tornou, que é realmente uma frequência de um parque. Então, a formação, ter um diretor dedicado que possa fazer um plano e um projeto de médio e longo prazo, é extremamente importante para esse espaço.

Infelizmente, quando teve o decreto do Haddad, depois a revogação pelo João Doria, não teve a possibilidade e tempo hábil de se fazer isso. Havia muitos problemas com contratos da Secretaria do Verde de licitações para os serviços e também o processo todo de eleição, tivemos que lutar muito. Fui voluntária também, observadora do processo da comissão eleitoral. Enfim, era uma opção factível e hábil, mas não pudemos fazer. Por isso eu, também, sou favorável a transformação de parque.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) - Muito obrigado, Sra. Márcia. Com a palavra o Sr. Diego Mengato de Alexandre.

O SR. DIEGO MENGATO DE ALEXANDRE - Bom dia a todos. Sou ex- conselheiro do Cades e desde 2013 tratamos esse assunto, da Praça do Pôr do Sol, no conselho. Recebemos moradores do entorno, SAAP Avisol, desde então. Temos experiência na transformação da praça em parque, porque eu recebi a SAAP e a Avisol e colocamos em votação no Cades a transformação de praça em parque, com uma observação na votação: sem grades. Então, passou isso, só que sem grades.

Sou um exemplo vivo de que parque não funciona na Praça Pôr do Sol, e olha que eu tentei. Eu legitimei a Praça em parque. Houve um amplo debate do Poder Público junto à população nos conselhos de Pinheiros, um conselho do Cades. Temos atas que provam toda essa consulta. Então todas as pessoas que participaram da época, temos atas, documentos e *e-mails* que provam isso. Então, abro isso para a comissão. Se a comissão precisar, eu envio para os senhores para que possam entender o histórico. Infelizmente, essa situação de *status* em parque piorou a praça. E tenho como comprovar isso porque vários moradores do entorno mandavam mensagens dizendo que tinha piorado a situação. Por quê? Sem orçamento, sem projeto de melhorias, sem plano de curto e médio prazo.

A Secretaria do Verde não tinha orçamento para isso. E novamente deparo com a mesma situação, mas nessa já conhecemos os erros e queremos repetir os fracassos. Não só queremos repetir os fracassos, quanto há pessoas falando aqui que querem trocar o alambrado por grades. Já gastamos 700 mil reais e agora queremos gastar mais quanto por esse absurdo? Não faz o mínimo sentido. Vale alertar os Vereadores de que irá acontecer um efeito dominó do cercamento dessa praça. Outras praças vão fazer esse mesmo pedido e a cidade toda vai ser cercada. Então digo o seguinte: existe uma fila de vários bairros pedindo parques em São Paulo, e eles estão sendo ignorados pelo Poder Público. E, agora, uma praça, uma vocação de mirante, fica toda essa discussão em cima de parque.

Outro ponto que o Poder Público ignorou: não teve consulta pública. O bairro tem 42 mil pessoas e os únicos que foram consultados foi uma associação com 220 pessoas internas. Então quero dizer o seguinte: vamos nos unir para encontrar um projeto para a praça. Ela é uma praça. Ela não precisa de outras vocações. É um mirante. Vamos respeitá-la como ela foi projetada e assim por diante. Nós conhecemos os problemas. Não só conhecemos como recebemos os moradores, porque temos empatia pelos moradores e vamos continuar tendo.

Então é uma grande mentira que o grupo Pôr Sol sem Cerca não trabalhou desde 2013. O grupo ajuda nesse tema da Praça Pôr do Sol. Agradeço a todos. Obrigado pelo debate, Vereador.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Obrigado e desculpe, estou pedindo desculpas geral aqui, porque é muito chato eu fazer isso, mas não tem alternativa.

O SR. DIEGO MENGATO DE ALEXANDRE - Não, sem problema.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Tem a palavra o Sr. Flávio Scavasin. Presente? Por favor, com a palavra.

O SR. FLAVIO SCAVASIN - Estou vendo bem claro que quem está defendendo para virar parque, junto vem a cerca. Então diferente da época do Diego, no Cades, em que eles defenderam virar parque, mas sem cerca. Aqui, agora, está se usando esse projeto para escudo para as pessoas quererem colocar cerca.

Sou do coletivo das Vilas Beatriz e Jatai, do Pôr do Sol Sem cerca, e por duas vezes, fui diretor do Parque Villa-Lobos e também fui coordenador de todos os parques urbanos estaduais, por um curto tempo. Então, mais ou menos, conheço como funciona o parque. O Parque Villa-Lobos, inclusive, está a três quilômetros de distância, é perto, inclusive fazemos lá coleta seletiva de 80% dos resíduos. É um parque público, quer dizer, sou contra o cercamento de virar parque como estratégia. Isso está sendo utilizado como escudo, como eu já falei.

Os parques municipais, como está na mídia, também, não estão sendo bem cuidados e cercando, quando houver aglomeração, o que vai acontecer é ficar toda a bagunça ao lado de fora, como já está acontecendo. As ruas daquela entrada principal estão todas lotadas, isso com o parque sem ninguém, sem aglomeração, sem a pandemia acabar.

É preciso testar a Lei Municipal 16.212, de 2015, que trata da gestão participativa. Quer dizer: precisamos de banheiro, bebedouros, lixeiras, guarita, cafés revistaria. Sugiro uma revistaria. Questão da acessibilidade é um tema muito caro, eu uso uma perna mecânica e conheço pessoas ali que não podem nem chegar na praça. Aquela parte de cima onde tem o equipamento de ginástica, onde o cadeirante poderia observar o pôr do sol, simplesmente, além da cerca, tem aquela base de baixo que é de alvenaria, que prende a cerca. Aquilo não dá nem para usar, o cadeirante não consegue chegar.

Agora, fico perguntando: porque os Srs. Vereadores, com as pessoas que formaram essa opinião para poder fazer esse projeto virar parque, por que não convencer em pensar em criar outros mirantes na cidade? Vem gente para essa praça da Grande São Paulo. No Villa-Lobos a mesma coisa. Vinha gente de Guarulhos e outros lugares. Porque não tem praças nesses lugares. Por que não se pensou em fazer outras praças em outros lugares com essa característica de mirante? Isso seria muito mais útil do que transformar uma praça em parque como estratégia, para que as pessoas possam cercá-la definitivamente, como o Prof. Fábio colocou, que é uma coisa tipicamente da elite paulistana.

Então, é essa a proposta: vamos trabalhar por gestão e infraestrutura. Eu tenho um projeto, inclusive, para a Praça Pôr do Sol, prevendo segurança, limpeza, manutenção de áreas verdes, prevendo a parte externa de mobilidade e um monte de coisas. Inclusive me coloco à disposição do SubPrefeito para conversar com ele e apresentar esse projeto, já com o número de cada um dos funcionários, horários e tudo mais. Gostei muito da fala da nobre Vereadora Cris Monteiro, quando colocou que, se mesmo aberto, pode ter uma estratégia de horário com relação à praça. É isso mesmo que precisamos trabalhar.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) - Muito obrigado. Tem a palavra a Sra. Ana Maria Wilhelm.

A SRA. ANA MARIA WILHEIM - Sou moradora da Vila Madalena, me juntei ao coletivo Praça do Pôr do Sol sem cerca, pela indignação de ver aquela praça cercada e as pessoas tentando ver o pôr do sol por uma fresta.

Sou 100% a fala da Raquel, do Professor Flavio. Temos super recursos de ter uma Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na USP tão pertinho dessa praça, para nos ajudar a encontrar uma solução urbanística para esse espaço. Os urbanistas são cientistas que nós precisamos para essa situação que temos de resolver na Praça do Pôr do Sol.

Sou pela Praça. Sou pela não cerca, sou por regramento e obviamente, sou moradora. Também sei os incômodos que essa praça tem trazido para os moradores. Sou solidária a toda a vizinhança da Praça e acredito que tem solução urbanística, se a gestão pública assumir a sua responsabilidade. Chamo aqui a responsabilidade do Sr. Prefeito da Cidade São Paulo e dos seus Secretários. Essa praça, não é uma praça, apenas de um bairro, quando foi desenhada originalmente. Ela, hoje, é uma praça da cidade. Ela precisa da cidade na gestão. Ela precisa da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, trazendo soluções urbanísticas, ela precisa de recursos da cidade e o poder público tem de parar de jogar a responsabilidade em nós, sociedade civil. Nós somos um excelente recurso para trazer ideias e soluções, mas a gestão pública é absolutamente necessária. Eu sou muito favorável a uma visão de regionalização e descentralização. Seria maravilhoso que o Subprefeito da região de

Pinheiros fosse o nosso líder, mas eu não vi isso na sua fala, mas eu gostaria muito que ele fosse. Primeiro que a Secretaria de Gestão da Subprefeitura assumisse a sua responsabilidade e que a gente trouxesse gestão.

Acho que a lei 16212/2015 traz várias respostas aos problemas, se implantada, eu observo o Anhangabaú, por exemplo, que foi o projeto do meu pai que, ao não ter gestão, ou implantação até o fim do seu projeto cria enormes problemas para o espaço público. Então eu sou 100% a fala da Raquel, 100% a fala do professor Flávio, acho que temos um super recurso na USP para nos ajudar. Sou pela retirada imediata daquela cerca, antes que um grande problema aconteça naquela praça. Abertura imediata nos acessos e da Diógenes e da rua lateral, e GCM presente nos finais de semana, e GCM presente, pelo amor de Deus, os moradores têm todo o direito de ter sossego, mas o projeto que foi feito remete 100% toda a concentração na rua de acesso onde eles moram. Então, fecha ali em cima, se for o caso, mas abram os acessos para as escadarias que existem nessa praça.

Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Tem a palavra Sra. Mônica Peres Menezes.

A SRA. MÔNICA PERES MENEZES – Boa tarde a todos, muito obrigada pela audiência, eu sou do Pôr do Sol Sem Cerca, óbvio, sou contra o cercamento, acho que...o que falta nessa praça? Fiquei muito chocada com essa cerca, tenho ido aos finais de semana e existe uma saída para as pessoas. Estamos em plena pandemia e aglomera um monte de gente numa escadaria. Eu tenho uma amiga que tem um filho com dificuldade, pessoas que têm cadeiras de rodas, cadeirantes, pessoas idosas, é um absurdo a Subprefeitura não ter pensado nisso.

Foi um dinheiro público muito mal-empregado, é uma vergonha, 700 mil reais para essa coisa horrorosa. Essa praça precisa de projeto, de paisagismo, de acessibilidade. Como é que a gente impede as pessoas de cruzarem? Os trabalhadores das casas lá de cima, ou dos comércios, eles de trem, de ônibus, cruzavam a praça, não cruzam mais. A creche usava a praça, as crianças não vêm mais na praça. Então, fica aquela coisa horrorosa, um muro na

escadaria. Isso é tão elitista, tão higienista, que eu tenho vergonha de ver uma postura de uma gestão pública desse jeito. Claro que as lixeiras estão cheias, olhem o tamanho da lixeira para a quantidade de usuários, por favor. O que eu proponho? Um senso para os usuários. De onde eles veem?

Porque na realidade a gente andou fazendo isso, indo conversar nos finais de semana, a maioria dos frequentadores não são do bairro. O que a gente quer? Impedir de eles virem? Não. Vamos tentar entender e conversar com eles. Conversamos com vários usuários e é muito legal ver a visão deles. Cá entre nós nenhum deles é a favor dessa cerca. Eu não sei quem é que conversou com um a favor dessa cerca, não encontrei nenhum, todos são contra o cercamento. A acessibilidade, a zeladoria, banheiro, lixeira de tamanho suficiente, coleta no momento adequado. Não adianta usar a praça sábado e domingo e a coleta só passar na terça. Tem de ter reciclagem, tem de ter a questão da bituca, hoje existe gente, gestão pública, a Prefeitura abandonou essa praça. A Prefeitura faz o carnaval da Vila Madalena, aquela Feira dos Pais da Vila Madalena, como é que não consegue administrar uma praça aos finais de semana? É uma vergonha. Os idosos daquela casa em frente, tem uma rampa, colocaram um portão, não teve nada e foi com o nosso dinheiro. Essa cerca tem de ser removida, tem de ter um projeto de paisagístico, urbanístico e não acho que cercar seja a solução. Entendo a questão da violência, vamos colocar iluminação, vamos colocar a polícia nos horários corretos, vamos colocar a CET para organizar o trânsito. Pagamos impostos, vamos usar nosso dinheiro devidamente. E fazer um senso acho que realmente vale um senso para a Subprefeitura saber quem são esses usuários e o que eles querem e vamos adequar essa praça para uso, vamos para de cercar a zona Oeste porque essa não é a solução.

Estamos cercando e isso não diminui o nosso abismo social. Nós vamos continuar um bairro de classe média privilegiada e vamos dar acesso para essas pessoas. Quanto mais acesso a gente der, melhor vai ser para nós. Fechar os portões, aquele único portão as 18h deixamos aquele entorno todo perigoso. O ponto de ônibus está um horror. Para qualquer trabalhador que fica naquele ponto de ônibus agora está tendo assaltos. Vamos pensar na

solução. É isso: zeladoria, gestão pública, banheiro, lixeira, reciclagem e acho que é isso e um senso.

Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Tem a palavra a Vereadora Luana Alves, pois ela precisa se retirar para outra reunião, então estou antecipando.

A SRA. LUANA ALVES – Primeiro quero agradecer a presença de todos aqui, conheço aqui alguma das pessoas e gostaria de falar brevemente em relação ao tema do cercamento, que me parece ser o tema principal. Com todo o respeito a elaboração do PL de parques, de praça, mas o tema principal é o cercamento. A minha posição é a seguinte: o cercamento não resolve os problemas de segurança e ainda restringe acesso. É uma solução falsa para um problema que de fato nós temos de resolver.

Não é injusto o que os moradores falam em relação ao barulho, em relação ao lixo, em relação à falta de gestão, eu entendo de todo coração esses problemas, mas eu não acho que o cercamento resolve esses problemas e cria outro problema. Cria um problema urbanístico, que cria um problema de exclusão, cria um problema que não vai ser resolvido. Então, gostaria de colocar que o necessário é a gente pensar alternativas de melhoria da infraestrutura, de melhoria de acesso a banheiro, de melhoria na segurança urbana. Nós temos GCM, existe. É possível a gente trazer, por exemplo, a segurança urbana para essa discussão, pensar de que maneira a gente consegue garantir o regramento.

Então, eu gostaria de colocar que essa é a principal questão, me coloco à disposição para conversar com a Subprefeitura. Se a questão é de orçamento, sei que essa é uma questão em diversas Subprefeituras, nós, Câmara de Vereadores, temos de fazer esse debate sério. Precisa aumentar o orçamento da Subprefeitura. A Subprefeitura não pode ter o Orçamento para fazer operação tapa-buraco, porque é o que acontece hoje em geral na cidade de São Paulo. Precisa ser de fato um local onde se faz ações do Executivo com maior capacidade de força, precisa ter o orçamento para isso.

Se a grande questão é essa, eu já coloco a posição não só minha, mas da

Bancada do PSOL de ter o fortalecimento do orçamento para a Secretaria da Subprefeitura. E, assim, a gente conseguir usar esse orçamento para investir nas áreas verdes, nas áreas públicas de orçamento e RH. Então, a nossa posição é essa, nós da Bancada do PSOL somos favoráveis a aumentar, não só o orçamento da Subprefeitura, mas aumentar a gestão participativa sobre este orçamento. Esse é o nosso posicionamento e me parece que essa é a real questão. Não vou me posicionar em relação a ser praça, a ser parque, meu posicionamento é não ao cercamento e sim a medidas que vão de fato garantir melhor utilização de espaço, a melhor espaços coletivos e não há restrição do acesso. Já me coloco à disposição nesse debate.

Vamos ter a votação do orçamento no final do ano como sempre temos e peço para todos que estão aqui que acompanhem a votação do Orçamento no final do ano para conseguirmos falar do dinheiro das Subprefeituras, pois essa é uma questão que está de fundo para esse debate todo aqui.

Muito obrigada Vereador Xexéu, obrigada moradores, para todos que estão aqui peço para que continuem acompanhando as sessões, as audiências da Câmara Municipal de São Paulo, em especial, o debate ao final do ano que vai ter do orçamento das Subprefeituras.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Obrigado, Vereadora Luana, como sempre no diálogo. No amor e no carinho a gente constrói. Tem a palavra a Sra. Regina Souza Cintra.

A SRA. REGINA SOUSA CINTRA – Acho que está muito claro que a questão principal efetivamente é o cercamento. Estamos numa discussão de um projeto de lei sendo que não temos projeto nenhum. Acho que isso é uma característica que está nos acompanhando nos últimos meses, que foi inclusive o grande impulsionador do nosso grupo que surgiu de uma maneira absolutamente orgânica e natural, quando nos deparamos com cerca por detrás dos tapumes.

Os tapumes foram colocados em razão da pandemia, vimos na imprensa sobre isso lemos jornais, sabemos o que estava acontecendo, então fez sentido porque não teve um questionamento por conta dos tapumes, mas houve um questionamento nosso sim por conta

da cerca que surgiu por detrás dos tapumes, ao lado de uma placa de revitalização. Sabemos que não teve revitalização absolutamente alguma, então quero reforçar falta de projeto. Estamos numa discussão de um projeto de lei sendo que não tivemos projeto absolutamente nenhum. Não é possível que mesmo quem apoie a cerca ache que o trabalho está benfeito. A cerca para além do sentido dela, para além do conceito que ela traz de segregação, porque sim a cerca segrega. Isso é o que a cerca faz, mas para além desse conceito que ela traz, em si, é uma obra absolutamente malfeita, tosca e horrorosa, que fechou os acessos. E havia resto de obra. Fechou completamente a possibilidade de cadeirante, de pessoa com mobilidade reduzida, se concentra por um parquinho. É uma vergonha. Então, a obra é uma vergonha.

Então, o que eu queria frisar muito é a falta que projeto que a gente teve até agora e a falta de projeto que a gente tem. Todos sabemos que a praça tem problema, todos sabemos que tem sujeira e todos sabemos que tem barulho; mas não é a cerca definitivamente que vai resolver absolutamente nada.

O Sr. Marcelo até disse aqui: "Na minha visão, é um parque." Não tem visão. Não é uma coisa subjetiva. A gente tem critérios, a gente tem características e a gente tem definições, que dizem o que é uma praça e o que é um parque. A Praça do Pôr do Sol é uma praça. Inclusive, ela foi completamente desconfigurada do seu plano original, que é da Sra. Rosa Kliass e da Sra. Miranda Magnoli. A própria Prefeitura fez um trabalho que vai contra o seu projeto original. Então, é uma vergonha a praça, no sentido em que ela está hoje, cercada com essa tela de galinheiro.

Outra coisa que eu queria destacar é a importância, a obrigatoriedade inclusive do setor público nos ouvir. Então, a gente não teve diálogo absolutamente algum. Eu estou há um mês tentando marcar uma reunião na Subprefeitura de Pinheiros. Eu só ouço que o Subprefeito não tem agenda. Eu até gostaria de expor isso aqui. Eu acho muito importante que S.Exa. nos ouça. Acho muito importante que ouça todos os lados, mas a gente também quer ser ouvida.

Ontem, mais uma vez, eu liguei para a subprefeitura. Eu ouvi que não há agenda.

Eu acho muito importante que a gente seja ouvido; e tudo que a gente soube da praça, soube presenciando, a gente soube vendo e a gente soube chegando lá e vendo: "Nossa, há uma cerca, há um gradeamento." Nenhuma comunicação foi feita. A única resposta que a gente tem da Prefeitura, da subprefeitura é a partir de provocações da imprensa. Então, a gente provoca a imprensa, a imprensa bate na subprefeitura e a subprefeitura nos responde. A gente não teve nunca nenhuma comunicação. Mesmo a reabertura da praça, em horário limite, aconteceu a partir de um *post* da Subprefeitura de Pinheiros, *post* esse que a pessoa não tem nem a possibilidade de escrever, indagar e fazer pergunta.

Então, a gente precisa saber o que está acontecendo. A gente não pode chegar à praça e tomar um susto, quando falarem: "Está cercada." A gente precisa de diálogo. Não está justo. Não é correto o que está acontecendo. Então, todos têm que ser ouvidos, e eu gostaria de manifestar novamente o nosso desejo, de que a gente seja ouvido. A gente tem um abaixo-assinado com quatro mil e quinhentas assinaturas. Isso tem que ser levado em conta: quatro mil e quinhentas pessoas.

Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Muito obrigado. Desculpe-me a indelicadeza novamente.

Tem a palavra o Sr. Gustavo Zaven.

O SR. GUSTAVO ZAVEN - Boa tarde. Obrigado. Eu queria simplesmente enfatizar um ponto que a gente está falando, de vidas. A gente está falando de gestão da praça. A Prefeitura simplesmente desistiu do espaço público, colocando uma cerca ali. Isso é comprovar que desiste. E quando eu falo de vidas, a gente tem o conselho participativo, que é só estabelecer o espaço público mais visitado no município de São Paulo. Poxa. Vamos estabelecer o conselho participativo, para poder realizar as mudanças e os aperfeiçoamentos na praça. E como eu falo de vidas, gente, é uma aberração concordar com aquele cercamento que está lá. Se a pessoa vai à praça sábado ou domingo, às 18h, vai ver que todo mundo sai ao mesmo tempo. É convidado a se retirar, é expulso do local; e se alguém tropeçar naqueles

degraus - que já foi dito aqui, que não há acessibilidade - está feito um caos. Não há para onde correr. Pode haver um pisoteamento e pode haver um acidente. É isso o que a gente quer? Há idosos aqui. Há frequentadores no local. Há moradores no entorno. A gente quer que alguém caia, se machuque e que haja um tumulto?

Se a gente está falando que é importante ouvir a voz da população, eu também queria ouvir. A gente teve o orçamento cidadão no Participe Mais. A população não é a favor de cercas em praças, em locais públicos. A proposta mais votada, dentro da Subprefeitura de Pinheiros, é muito clara: Não permitir grades e cercas nas praças no entorno da região de Pinheiros. Houve 127 votos. Agora está em análise de viabilidade.

Por favor, gente. Se a gente é a favor de preservar vidas e acha que a cerca vai resolver, vão lá às 18h, num domingo, que poderão plenamente ver um acidente, e isso ninguém é a favor.

Espero que, na segunda votação, possa ser alterado esse projeto de lei, porque o que importa mesmo é preservar vidas, ouvir a população e o espaço público ser para todo mundo.

Muito obrigado, nobre Vereador Xexéu Tripoli, pela audiência pública.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Tem a palavra a Sra. Flávia Jardim Sartori.

A SRA. FLÁVIA JARDIM SARTORI - Bom dia a todos. Obrigada por esse espaço de escuta. Estou gostando demais de ouvir as colocações que estão sendo feitas. Até tudo o que eu já tinha me preparado aqui para falar já foi dito. :Eu vou aqui reforçar a minha indignação, porque esse espaço de escuta é muito democrático, mas, na prática, o que a gente viu foi um autoritarismo da Prefeitura, quando colocou as grades nessa praça, sem comunicar ninguém.

Como o Sr. Gustavo acabou de comentar, a gente foi surpreendido pelas cercas por trás dos tapumes e, como a Sra. Regina mencionou aqui, os tapumes foram amplamente divulgados pela imprensa. Agora a cerca, por trás, foi uma surpresa, foi uma traição e foi uma aberração, porque a gente acordou com uma cerca de galinheiro ali, e não houve projeto algum

por trás. Quem definiu que os portões iam ficar na parte de cima da Desembargador? Quem definiu o horário de funcionamento dessa praça? Quem definiu que a praça ia abrir às oito e fechar às dezoito?

Então, alguém por trás está definindo essas coisas, sem ouvir todas as partes aqui preocupadas e interessadas. Então, se alguém definiu que o horário será aberto às 8h, de onde saiu esse número? E as pessoas que trabalham e que querem passar a transitar pela praça? Então, isso tudo é uma indignação, ver isso tudo acontecendo embaixo do nosso nariz, e a gente numa total impotência.

E se todo mundo está falando que o que a praça precisa é gestão e é recurso, como um recurso de quase 700 mil reais foi utilizado para essa coisa que ninguém aprovou? Não houve projeto e ninguém se mostra porque foi feito isso. E a Prefeitura se esconde, dizendo que foi por conta da pandemia. Onde que o cercamento foi por conta da pandemia? Então, isso é uma indignação. Eu sou contrária a essa cerca. Eu acho que essa cerca tem que cair. Eu sou totalmente solidária aos moradores ali ao lado. Eu sou moradora do bairro. Conheço muito os que moram ali no entorno. Acho justa a reivindicação por uma noite de sonho, mas a cerca não vai eliminar barulho, a cerca não traz limpeza da praça e a cerca não traz vigilante. Então, não é a cerca que vai resolver esse problema.

Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Tem a palavra a Sra. Tatiana Amêndola Barbosa Lima.

A SRA. TATIANA AMENDOLA BARBOSA LIMA - Bom dia a todos. Eu, também como a Sra. Flávia, acho que eu já fui contemplada na fala do pessoal do coletivo aqui do Pôr do Sol Sem Cerca. Eu queria salientar a questão da gestão participativa, que a Sra. Ana falou, colocou muito bem. A Sra. Mônica falou muito bem. A gente não pode tirar a responsabilidade pública desse espaço público tão importante para o bairro e para a cidade de São Paulo. A gente tem que resgatar isso. Como a Sra. Ana chamou, eu chamo ao Sr. Subprefeito de Pinheiros, para chamar essas outras secretarias para discutir essa gestão. É importante a

segurança. Os vizinhos têm que dormir. Eu fui moradora há anos. Nasci praticamente no bairro. Mudei agora há pouco, mas a praça é da Cidade. A gente precisa de gestão participativa. A gente precisa discutir essa praça. Esse cercamento é absurdo. Fechou-se o acesso a todos. Meu filho tem mobilidade reduzida. É impossível ir para a praça, Eu fui um dia e não volto. Não dá para voltar com ele. É um absurdo todos entrarem num portãozinho pequeno na frente da praça das crianças. Essa cerca tem que ser retirada agora. Não houve projeto algum. Eu quero saber se existe algum projeto, porque, até agora, não houve. Isso foi na calada da noite e é muito triste a gente pensar que, dentro de um bairro, a Prefeitura de Pinheiros, num bairro rico haja atitudes autoritárias como essa.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Eu peço só que o Leonardo, que é representante do Vereador Professor Toninho Vespoli possa fazer uso da palavra, acho que vamos conseguir fazer com que todos os presentes sejam ouvidos. Muito obrigado. Leonardo, com a palavra.

O SR. LEONARDO - Boa tarde a todos e todas. Serei bem breve. Acompanhei aqui todas as falas e também o desdobramento desse caso desde o início.

Quero deixar claro que o nosso mandato, do Vereador Toninho Vespoli, é contra o cercamento. O que a praça precisa é de um projeto paisagístico, um programa de gestão participativa e isso é claro. Nós sabemos que os problemas não vão ser resolvidos a partir de um cercamento. Temos problemas de acessibilidade, gestão dos resíduos, a questão dos banheiros, e tudo isso são falhas da Prefeitura. São questões que ficaram, pois a Prefeitura abandonou aquele espaço, que mudou desde que ele foi planejado até a utilização atual, ele foi completamente mudado. E a Prefeitura absolutamente abandonou e não acompanhou nem essa mudança.

E agora esse local, que é um ícone da Cidade, precisa, de fato, de um acompanhamento melhor por parte do Executivo. Aliás, quero parabenizar o Vereador Xexéu pela audiência pública, pela discussão, e também não posso colocar o mandato na posição de

contra ou a favor ao parque ou praça, temos todos de discutir realmente, pois são esses os problemas que temos e o que o cercamento não é a solução. Então deixamos à disposição o mandato do Vereador Toninho Vespoli para colaborar nessa discussão, além de dizer que estamos propondo, na Câmara, desde 2019, junto com o Movimento Fórum Verde Permanente, uma Frente Parlamentar em Defesa dos Parques e Áreas Verdes para que possamos nos aprofundar nessas questões de gestão de áreas públicas, áreas verdes, parques e praças. Nesse sentido, conto com o apoio de todos. E quem quiser entrar com a coautoria é só me procurar que estamos trabalhando para ter essa Frente Parlamentar na Câmara. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Agora vou chamar Maurício de Freitas Bento. Está presente? (Pausa) Não está. Nem vou chamar aqueles que não estão presentes, mesmo inscritos, para que ganhemos tempo. Vou pular algumas pessoas.

Mariana Assef Lavez. Está presente? (Pausa) Se estiver presente e tiver alguma dificuldade, pode me chamar depois que passo a palavra a ela.

Juliana Martins. Está conosco? (Pausa) Está. Passo a palavra à Juliana, enquanto, me permitam, sair um minuto para ir ao toilette.

A SRA. JULIANA MARTINS – Boa tarde a todos e todas. Falo em nome da Organização Nossas que está em conjunto, em parceria, com o coletivo que é desfavorável ao cercamento da praça Por do Sol. Vou ser bem breve, porque creio que esse coletivo já embasou bastante qual é a questão principal com relação à praça Por do Sol.

É importante esse debate em audiência pública que é justamente o espaço para se discutir políticas públicas, em especial, políticas públicas que pautam espaços da magnitude da praça Por do Sol que, hoje, tem uma característica bem marcante de ser um ponto importante da cidade de São Paulo, turístico inclusive e que, não só atende os moradores da região de Pinheiros mas também moradores de diversas regiões da Cidade.

O ponto crucial sobre a questão do cercamento é como esse processo acontece de uma maneira que não teve – como bem disse os coletivos – uma consulta ao público e, para

além disso, o quanto esse cercamento constrói formas de segregação na região que já tem um espaço importante ali construído.

Temos exemplos de outras praças como a Roosevelt que, ao longo do seu tempo, se transformou em um espaço muito importante e com um público frequentador não só pela população da região, mas também da rua Consolação como um todo, da avenida Paulista, e adjacências, além de ter sido planejado de uma maneira que permitiu a existência, atualmente, de um processo de fiscalização, de pensamento de segurança pública, de construção de formas de controle com relação ao uso do lixo, com relação ao uso da praça da melhor forma e, nem por isso, foi construída uma cerca perimetrando o espaço da praça Roosevelt, e não mudou também a sua função social, que seria de praça mesmo.

Acho que temos exemplos, na cidade de São Paulo, de administração de praças que poderiam ser espelho para a construção de uma política pública mais efetiva para a região da praça Por do Sol.

Eu sou completamente desfavorável a qualquer tipo de cercamento ou de isolamento da região que é de uso público e, portanto, deve ser democrática para todos.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Muito obrigado. Passo a palavra à Sra. Juliana de Freitas Leal. Está presente? (Pausa) Por favor, tem a palavra Sra. Juliana.

A SRA. JULIANA DE FREITAS LEAL – Obrigada. Primeiramente, queria dizer que estou representando o mandato da Vereadora Silvia da Bancada Feminista, do PSOL. Quero agradecer ao Vereador Xexéu por trazer este tema que é tão importante. Quero saudar a presença da Subprefeitura e da Secretaria do Verde, hoje, aqui. Infelizmente, eles não puderam estar presentes na primeira audiência sobre a praça, que aconteceu este ano, a qual foi chamada pelo nosso mandato, mas ficamos felizes que agora puderam participar. Isso é muito importante.

Quero aproveitar para dizer que a garantia de previsão de audiências públicas sobre as operações de política municipal de Meio Ambiente, Zoneamento Urbano, e Geoambiental, estão previstas em lei, no artigo 41 da Lei Orgânica, motivo pelo qual

esperamos mais audiências, sobre o *spare* inclusive.

Eu gostaria de falar um pouco sobre o orçamento da Secretaria do Verde, a implantação dos parques na Cidade. Segundo o site da Secretaria do Verde e Meio Ambiente, na data de hoje, temos uma quantidade de parques geridos pela Prefeitura de 96 unidades, sendo 15 na zona Norte; 32 na zona Leste; 26 na zona Sul e 22 na zona Centro-Oeste. Além de mais de 11 áreas verdes de proteção espalhadas pela Cidade, totalizando 107 áreas geridas pela Prefeitura. Temos ainda um Fundo Municipal de Parques que, infelizmente, não funciona.

Então, nós também aproveitamos este espaço para também criticar o diagnóstico elaborado sobre o Plano Diretor – publicado pela Prefeitura – que nos parece incompleto. Na página do diagnóstico fica bem nítido esse problema. No quadro 7 do Plano Diretor foi colocado ali, naquele momento, a existência de 105 parques, e mais 168 em planejamento ou em implantação. No diagnóstico conta que, desde 2014, oito parques foram implementados, desses 168. Já no Programa de Metas – que foi discutido, inclusive, este ano – consta a implementação de oito novos parques previstos.

Nitidamente está caminhando muito devagar. Nossa dúvida é: com a transferência de gestão, a Secretaria tem mais um parque para gerir num orçamento que só se reduz, em termos proporcionais, ao do total do orçamento da Prefeitura, e sabendo que há uma fila gigantesca de áreas verdes nas periferias de São Paulo.

Portanto, temos alguns problemas que poderíamos já ir solucionando, e o nosso mandato, baseado nos pedidos que foram feitos nessas audiências, solicitamos ao Subprefeito responsável que cumpra o previsto na Lei 16.212 de 2015 que dispõe sobre a Gestão Participativa de Praças, elegendo esse conselho participativo de praças. Nós entendemos que esse é um espaço para que possamos pensar nesse Plano de Gestão e ele já pode ser implementado porque a praça é uma praça, em conjunto com o Cades, pois teremos eleições, em breve, dos Cades regionais, o que pode ser esse espaço de pensar e chamar todas as pessoas que aqui participaram e todos os profissionais que vieram sempre, os Vereadores,

enfim, quem quiser colaborar nesse espaço para que possamos pensar em um projeto de gestão.

Hoje já temos a previsibilidade do instrumento para essa discussão e não precisamos de um parque para poder discutir essas questões. Só precisamos regulamentar o que já está previsto e nós podemos usar esse espaço.

Era isso, agradeço a palavra ao Vereador Xexéu. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Muito obrigado a você e à Vereadora Silvia por ter participado ativamente como sempre. Muito obrigado.

Quero chamar a Sra. Luciana Higartua Becker Pefermann. Está presente? (Pausa) Enquanto aguardamos, vou passando para o próximo. Se ela estiver presente, só se comunicar que lhe passamos a palavra.

Sr. Marcos Maciel da Costa. Está presente? (Pausa) Por favor, com a palavra.

O SR. MARCOS MACIEL DA COSTA – Obrigado pela oportunidade de falar aqui nessa audiência. Acho que depois de ouvir vários grupos que aqui comentaram, a discussão dessa matéria fica cada vez mais clara, que não é sobre a criação de parque, mas sim sobre o ato de vandalismo que foi feito pela gestão pública na colocação de grades na Praça Pôr do Sol.

Independente da denominação, se é praça ou se é parque, acho que esse foi um ato totalmente contrário a uma cidade como São Paulo, que tem de promover os seus habitantes, em especial durante a pandemia; universalização de espaços público; diversidade de usos e de pessoas; equipamentos ao ar livre; espaços de permanência, tornando as áreas efetivamente mais seguras. O que foi atingido, com a colocação, foi exatamente o contrário: segregação; barreira de espaço público; espaços excludentes; insegurança, principalmente pandêmica, quando vemos a aglomeração de pessoas que não conseguem sair da praça pelos poucos acessos.

É simplesmente mais um exemplo de apropriação de espaço público por poucas pessoas que têm qualquer tipo de privilégio junto a algumas pessoas do Poder Público. E, além

disso, acho que vale a pena ressaltarmos também a forma como isso foi feito: absolutamente arbitrária, sem consulta pública, na calada da noite, com o dinheiro do munícipe. Não foi pago com o dinheiro dos moradores do bairro, da SAAP. Foi pago com o dinheiro do munícipe que, em sua grande maioria, como esta audiência aqui deixou claro, é totalmente contrária ao cercamento da Praça Pôr do Sol.

Então, finalmente, eu só gostaria de observar também que caso a grade tenha de ser retirada pela própria população – e existe, de fato, esse risco -, isso que não seja denominado como ato de vandalismo, porque vandalismo foi ter colocado aquela grade na Praça Pôr do Sol. Insegurança não se resolve com mais grade, com ais muro, com menos cidade. se esse fosse o caso, São Paulo seria a cidade mais segura do planeta. Então, insegurança se resolve com densidade de uso, com diversidade de classes, com pessoas na rua, com integração de espaços privados com espaços públicos. A grade é só mais um exemplo de que São Paulo está na contramão do mundo.

Portanto, esta audiência não se trata, de forma alguma, de criação ou não de parque, algo que ia requerer zeladoria, cuidado, atendimento a toda a população. O que está sendo criado é, no máximo, um galinheiro de péssima qualidade, com o dinheiro do contribuinte e de forma excludente em favorecimento de uma minoria em detrimento da população de São Paulo.

Então, era só isso o que eu queria deixar aqui. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Muito obrigado. O Sr. Mateo Murilo está presente? (Pausa) Com a palavra, por favor.

O SR. MATEO MURILO – Boa tarde. Vou tentar ser bem objetivo.

Eu concordo plenamente com o Marcos Maciel, que acabou de falar; com a Mônica Menezes também e com muitos outros, mas queria pontuar algumas coisas que, talvez, não foram faladas.

Este projeto de lei em lugar algum fala que vai ser cercar, mas também não fala o que é o parque, porque não tem projeto de um parque. Eu até proporia, a médio prazo, que

fosse feito um concurso e que um projeto fosse debatido e fosse colocado à consulta pública, um projeto de paisagismo e urbanismo que integre e que siga algumas diretrizes que têm de estar bem claras. Uma delas, claro, é a necessidade. Não faz sentido você colocar a solução antes do projeto. Então, colocar um gradil ali ou um cercamento agora não faz o menor sentido. Não foi debatido o que se quer para esse espaço. O que acontece nesse espaço vem se repetindo em toda a Cidade e que é um conflito entre os interesses da Cidade e os interesses locais. Nós vemos isso na Praça Roosevelt, vemos isso na Paulista aberta e esse embate entre moradores residentes e o espaço público que acaba ganhando uma centralidade e a Prefeitura não sabe gerir esse problema, talvez, principalmente, por causa da emissão sonora que se produz nesses espaços.

Enfim, por que eu acho que é importante o projeto? Porque não basta só: “Ah, tantos banheiros ali, fazer uma banca de jornal, um lugarzinho para os vigilantes”. É uma praça escarpada, não pode sair colocando isso em qualquer lugar. Você tem de ter os cuidados de não barrar o visual que se tem. Então, talvez, seja uma obra até mais complexa, porque como fazer novos equipamentos sem eles interferirem na paisagem já consolidada?

Então, enfim, eu acho que este projeto teria de ser reformulado e ser mais claro, porque simplesmente ele não tem sentido do jeito que está agora, da forma como está escrito agora. E não tem um projeto, de fato, por trás dele, como foi feito, por exemplo, para o Vale do Anhangabaú.

Basicamente é isso. Muito obrigado a todos.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Obrigado.

Conseguimos, aqui, encerrar às 15h13min e todos os inscritos foram ouvidos. Eu quero ver se alguma autoridade convidada quer fazer uso da palavra, porque eu não posso dar o uso da palavra a todos os convidados, porque, senão, vamos ultrapassar demais e, aí, se não houver ninguém para falar, eu faria o encerramento aqui, com uma breve palavra.

Alguma das autoridades presentes quer fazer uso da palavra? (Pausa) Tem alguma coisa no *chat*? (Pausa) Não. Então, se alguém quiser, alguma das autoridades convidadas, me

interromper, para fazer uso da palavra, fique à vontade, por favor, porque é muito importante ouvirmos o Executivo neste momento.

Nós aqui, em duas horas, nós não vamos conseguir nem ouvir nem responder nem colocar todas as opiniões para um problema, para uma questão tão grande que é a Praça Pôr do Sol. A audiência pública serve realmente para ouvirmos as pessoas, respeitarmos as opiniões. Nós aqui, eu como Presidente da Comissão do Meio Ambiente e autor do projeto, do PL, nós não temos o direito de nos opor a nenhuma opinião. Nós precisamos ter realmente este debate. Então, eu fico muito feliz com esta audiência por dois motivos. O primeiro é que eu vejo que todos que estão aqui e com todas as pessoas com quem eu falo na Praça, com quem eu converso, que eu tenho ido e tenho conversado, todos querem a mesma coisa: que é uma estrutura para que a população possa frequentar a Praça sem restrição de entrada, sem restrição de horário, que a população possa aproveitar aquele local público como deve ser. E eu concordo plenamente com isso. Eu acho que todos aqui estão com a mesma opinião. Nós precisamos disciplinar aquele espaço ali de uma forma que não restrinja a passagem, que não restrinja a visita de qualquer cidadão do Brasil. Como alguém falou, ela não é mais uma praça do bairro ou dos moradores. Ela é uma praça que é vendida turisticamente em aeroportos, pedem para visitarem. Eu moro na Vila Madalena, não preciso nem falar, porque eu moro no meio da muvuca, eu moro no meio dos bares, da Rua Aspicuelta. Imaginem como é que se lida com um problema como o da Vila Madalena, hoje, que é muito difícil, que todo mundo tem o direito de ir à rua, todo mundo tem o direito de frequentar o seu boteco, o seu bar, escutar a música que mais gosta. Mas nós não podemos incomodar toda a população que mora naquele local, então, nós temos de tentar encontrar um caminho.

Como o Mateo falou aqui, só para deixar claro, nós não podemos fazer um projeto arquitetônico antes de ter um projeto de lei. Nós precisamos, sim, seguir esse caminho, porque, senão, fica inócuo o projeto arquitetônico. E a minha vontade é que, se isso for feito, se for aprovado, se continuarmos com esse debate para que tenhamos a melhor solução, que fosse feito um concurso. Isso não é uma coisa que eu decido, mas é uma coisa que eu gostaria muito

e já deixo aqui... Eu vou me lembrando de algumas coisas, já deixo aqui o pedido à Secretaria de Subprefeituras para que prolongue o horário do fechamento, porque às 18h o sol ainda está ali no finalzinho e é aquele momento de relaxamento, de curtidão do pessoal que vai ali, de todos que estão frequentando a praça. Então, fica um pedido dos frequentadores, para que possamos prolongar nesse momento um horário para que as pessoas possam ficar um pouco mais, deixar escurecer um pouco, não precisa ser meia-noite ou 22h, pode ser um pouco antes, mas deixar que as pessoas possam ter um espaço para relaxamento.

Uma coisa que tem muita gente contrária, e aí há uma discussão, é sobre cerca e não cerca. O que estamos tentando fazer é averiguar que dia colocaram tapume, como fizeram por trás, se foi isso, se foi aquilo, porque senão vamos entrar num rodaminho do passado, presente e não vamos conseguir olhar o futuro. Vamos ficar discutindo o passado, cada um vai contar sua história, cada um vai falar da sua vivência com a praça, como eu, tenho a fala daquele lugar porque fui criado ali, conheço moradores, conheço pessoas que vêm do Capão Redondo para ver o pôr do sol. Hoje em dia 90% da frequência não é de moradores, é de bairros próximos e distantes. Então a praça é do Brasil.

Tenho muito cuidado para falar sobre isso e essa propositura que fiz do PL, porque o ótimo, muitas vezes é aquela frase que escutamos desde crianças, é inimigo do bom. Então talvez não se consiga atender todos num novo projeto que possamos vir a fazer para que aquela praça tenha um pouco mais de tranquilidade e que todos possam contemplar, pode ser que não se tenha o ótimo. Pode ser que se tenha o bom que já é suficiente para, na média da população, atender toda a população. Realmente, não adianta pôr lá um banheiro, um bebedouro, as subprefeituras não têm zeladoria contínua para nenhuma praça, não tem condição de cuidar de uma praça daquelas da forma que deveria ser, porque precisa de uma zeladoria contínua ali.

Estou vendo o Subprefeito, gostaria de falar alguma coisa? Tem a palavra.

O SR. RICHARD HADDAD JUNIOR – Primeiramente, quanto ao isolamento a minha gestão já assumiu a praça fechada. Na verdade, levantei as razões e foi tudo motivado

realmente pela pandemia, tinha uma grande aglomeração, foram tentadas várias medidas, GCM, faixa, orientação e nada surtiu efeito. Foi alegado que ali virava uma balada e no auge da pandemia.

Quanto à praça em si, como disse, tem uma área, uma frequência de parque. Então não tem como tratar como uma praça normal, porque o nosso contrato de zeladoria é para todas as nossas áreas verdes, todas as nossas praças. Então, temos o corte de grama, a poda, aliás, está muito bem cuidada, pintamos, a grama está toda aparada. Só que não temos como tratar como uma praça comum uma praça que tem essa frequência.

Quanto ao horário, em razão do pôr do sol, lógico, que é a natureza da praça, ontem estava discutindo para estender o horário para as pessoas poderem apreciar o pôr do sol com tranquilidade.

Só isso. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Muito obrigado, Subprefeito, pela participação e pelo empenho sobre a questão do horário, importante para as pessoas.

Presente também o representante do Secretário das Subprefeituras, Caio Vinicius de Moura Luz, tem a palavra.

O SR. CAIO VINICIUS DE MOURA LUZ – Rapidamente, só para dizer que vamos encaminhar o pleito de combate a Covid, que foi organizado pelo Prefeito, da extensão do horário.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Muito obrigado, esse já é um passo importante para retomarmos a área pública de uma forma democrática, lógico, sempre seguindo a OMS, a ciência como sempre, não podemos esquecer.

Pessoalmente, acho que ainda vamos ter muito problema com a Covid. Moro num lugar que vejo diariamente centenas, milhares de pessoas juntas, uma ao lado da outra sem máscara. E é muito difícil, entendo, quando temos um lado do Governo Federal falando para não usar máscara, não se preocupar com aglomeração, enquanto de outro a ciência dizendo para continuar tomando cuidado.

Vamos ter essa conversa de terceira dose, quarta dose, ontem até falei, acho que vamos ter a oitava, a nona dose, porque vamos ter de tomar essa vacina anualmente até que a ciência descubra uma vacina como a da febre amarela, que dura 10 anos. Então, acho que precisamos tomar muito cuidado com isso, mas num momento de abertura temos que também olhar para a nossa Praça do Pôr do Sol de uma forma que possa ser contemplativa e que todos possam frequentá-la de uma forma adequada.

A SRA. CRIS MONTEIRO – Preciso me retirar, o senhor me desculpe, obrigada. Parabéns pela audiência e parabéns a todos que participaram.

O SR. PRESIDENTE (Xexéu Tripoli) – Muito obrigado, Vereadora Cris Monteiro. Para encerrar, gostaria de dizer, sou um Vereador que hoje estou no PSDB, fui do Partido Verde e hoje me relaciono com todos os 54 Vereadores desta Casa para vários assuntos de uma forma apartidária.

Este é um assunto que não é sobre política, partido, esquerda, direita, religião, é um assunto global que precisamos enfrentar e às vezes diminuir os ânimos. Muitas vezes o que acreditamos que seja verdade é a nossa verdade e muitas vezes não é a verdade do outro. Por isso estamos aqui hoje conversando muito rapidamente, com pouco tempo, mas acho que contribui muito.

A partir de agora vamos ter muita conversa, como já disse, para que possamos colocar em segunda votação esse projeto, se realmente tivermos condições de dar o tratamento para aquele local. Senão não há sentido aprovar um projeto na Câmara como parque, ou a praça se tornar parque, e continuar do mesmo jeito ou com um banheirinho aqui, uma gradezinha ali, não é esse o caminho.

Acho que temos de pensar, não é uma coisa que será feita amanhã, há um tempo, porque existe orçamento, muita coisa para resolver, mas, óbvio que precisamos dar celeridade a esse assunto, para quem sabe, no começo do próximo ano tenhamos já decidido como vamos fazer, como vamos tratar essa praça, ou parque, para que possamos ter uma qualidade de vida e uma coisa que sempre falo, precisamos nos juntar, todos nós.

Estamos num momento de divisão do país e acabamos levando isso até para o copo que usamos dentro de casa, é aquela coisa. Quantos de vocês, quantos de nós deixamos de falar com algum colega por uma opinião que a pessoa tinha. E temos de reconstruir o que aprendemos ao longo da nossa vida, para desconstruir muita coisa que aprendemos e estamos aqui aprendendo.

Eu, aos 58 anos de idade, a cada dia tomo uma lição da vida para que tenha um pouco mais de carinho, de amor, de compaixão e que possamos decidir as coisas juntos. Muitas vezes não vai ser do jeito que eu penso que pode ser, ou não vai ser do jeito que o outro pensa, mas temos de ter esse espaço para podermos deixar o outro falar e deixar o outro colocar as suas opiniões. Muitas vezes, em muitas falas aqui que vi de pessoas, como disse, não querem a cerca, não querem a grade, enfim. Mas temos uma convergência geral de que precisamos fazer alguma coisa ali, precisamos melhorar aquele ambiente. É isso que precisamos.

Agradeço a presença de todos e o entendimento conosco. Vou encerrar a nossa reunião da forma protocolar. Agradeço a participação dos convidados e inscritos. Nada mais havendo a tratar, declaro encerrada a presente audiência. Bom final de semana para todos, que possamos desfrutar ainda hoje do pôr do sol lá, porque amanhã vem chuva.

Estão encerrados os nossos trabalhos.